

SOBRE VÍNCULOS ENTRE A EDUCAÇÃO FÍSICA E A ESCOLARIZAÇÃO DO CORPO SAUDÁVEL¹

ON THE LINKS BETWEEN PHYSICAL EDUCATION AND TRAINING FOR A HEALTHY BODY

IVAN MARCELO GOMES

Doutor em Ciências Humanas e Professor do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: O texto procura analisar formas sociais de escolarização do corpo – ou em outras palavras, formas de educação do corpo em distintos espaços sociais – na transição da fase clássica da modernidade para as configurações sociais que vivenciamos na atualidade. Tal reflexão terá sempre como foco os discursos e estratégias sobre a constituição de “indivíduos saudáveis” e as interfaces que tais propostas estabeleceram/estabelecem com a Educação Física.

Palavras-chave: Educação; Corpo; Modernidade; Educação Física.

Abstract: This paper analyzes social aspects of physical training – in other words, ways of educating the physique in distinct social environments – on the transition from the classic phase of the recent past to the social configurations that now exist. The idea will always focus on teachings and strategies concerning what constitutes the “healthy individual” and on interfaces that the theory presented has established or will establish with Physical Education.

Keywords: Education; Physique; Modernity; Physical Education.

¹ Este ensaio possui um viés panorâmico em sua abordagem por se manter fiel a palestra proferida no II Congresso Regional de Educação Física e IX Encontro de Pesquisa em Educação Física realizada no dia 20 de outubro de 2008 na Unioeste/Marechal Cândido Rondon.

1 SOBRE OS VÍNCULOS

A tentativa de analisar formas de educação do corpo moderno e suas interfaces com a Educação Física implica em que um possível mapeamento seja traçado. Assim, iniciaremos a exposição tentando – de forma breve e ilustrativa – caracterizar uma determinada transição no interior da modernidade a qual denominarei aqui – nos valendo das reflexões do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001) – da passagem da “modernidade sólida para a modernidade líquida”. Tal caracterização permitirá uma reflexão mais aprofundada sobre o caráter e a busca da educação do corpo saudável.

A modernidade foi analisada dentro do que Bauman denomina como um primeiro momento enfaticamente voltado para a produção (sob a égide da ética do trabalho) e em um segundo momento – momento este vivenciado atualmente – em que se prioriza a capacidade de consumo. Em outros termos, o de uma sociedade de produtores para uma sociedade de consumidores (BAUMAN, 2005).

Vamos aos argumentos! O mundo moderno propiciou combates e defesas sobre os corpos individuais, bem como do corpo nacional. Vários foram os fatores que contribuíram para essa preocupação moderna que começa a se instaurar a partir do século XVII. Um destes fatores refere-se à descoberta da circulação sanguínea feita por William Harvey nos idos de 1600. Tal descoberta propiciou um rompimento com idéias religiosas que entendiam o corpo apenas como uma forma de provação para se alcançar o paraíso através de uma alma purificada (SENNETT, 2001).

Harvey com tal descoberta propiciou novos horizontes para a idéia de saúde. Ela se deslocou da alma (uma alma pura, limpa) para a busca por um corpo saudável. Era o saber anátomo-fisiológico se consolidando como o verdadeiro e palpável conhecimento sobre o corpo. Esse aspecto se integra às mudanças econômicas daquele período articuladas com o nascimento da indústria e que impulsionaram a necessidade destes corpos saudáveis para a consolidação da era moderna.

Devemos lembrar que da emergência da

modernidade até meados do século XX permeou um determinado tipo de ideal que contribuiu na conformação dos corpos. A fonte de toda forma de criação provinha do trabalho e de sua ética. As virtudes individuais advinham desta capacidade produtiva e da inserção no mundo do trabalho. Em outras palavras, poderíamos sintetizar este aspecto na famosa e difundida frase: “O trabalho enobrece o homem”. O trabalho fortalecia um engajamento entre patrões e empregados que exercia uma sensação de durabilidade nas relações sociais cotidianas, conforme mostra os ensinamentos de Henry Ford (BAUMAN, 2001), tendo em vista que a constante troca de empregados era entendido como uma elevação dos gastos nas fábricas. Sendo assim, existia um investimento tanto da parte dos empresários que buscavam manter os trabalhadores no chão da fábrica, quanto da parte dos trabalhadores que necessitavam do trabalho para sua sobrevivência. Essa durabilidade é que sustenta a metáfora da solidez empregada neste período.

Tal durabilidade requiritava também esforços educativos para atender essas exigências do mundo do trabalho. Nesse sentido, as formas de constituição do indivíduo saudável na solidez moderna estavam baseadas na atuação estatal como elemento imprescindível das intervenções avalizadas cientificamente na formação de um corpo produtivo. O poder sobre a vida atua e disponibiliza ações que intentavam apontar um caminho comum, tendo o Estado e seus legisladores como guia, em uma tentativa de imortalização da espécie (FOUCAULT, 2002). Desta maneira, corpos saudáveis possibilitariam a manutenção econômica e o aprimoramento biológico da família e da nação, dando um sentido para as estratégias de ação individual, pois mesclavam o clamor por liberdade individual e o vínculo como algo que o superava e o amparava (BAUMAN, 2000).

A preocupação em educar se colocava para os legisladores como uma das tarefas para a obtenção da ordem, e conseqüentemente, todos os benefícios que tal situação proporcionaria. Por isso, a importância das disciplinas – analisadas por Foucault (1996) como uma forma de panopticismo – para os corpos individuais, e a

importância das políticas como modelos de intervenção nos corpos populacionais (FOUCAULT, 2002).

A disciplina escolar foi uma forma moderna de educação do corpo e que tentava enquadrá-lo numa certa rotina com o intuito de torná-lo docilizado (disciplinado) e eficiente. Ou seja, um corpo acostumado desde a infância às tarefas que seriam exigidas futuramente no local da fábrica. O filme de Charles Chaplin, *Tempos Modernos*, traz imagens ilustrativas deste corpo nas instituições disciplinares. Como nos lembra Guiraldelli Jr (2007, p. 64), essas imagens exemplificam “*o controle de tempos e movimentos e a hierarquia de funções corporais na fábrica. Essa disciplina do trabalho é a chave mestra da indústria moderna*”. Vale lembrar também que tanto a fábrica, como as prisões, hospitais e escolas eram planejadas a partir de um mesmo modelo: o panóptico².

Outro exemplo destas disciplinas corporais foram as aulas de ginástica. A ginástica é ressignificada na modernidade européia com vistas a substituir práticas lúdicas que circulavam entre as populações de países como França, Alemanha e Suécia. No Brasil, foi clara a raiz européia desta prática e sua contribuição na formação destes corpos produtivos. Como muitos autores enfatizaram, a ginástica escolar almejou contribuir na formação de corpos adestrados (SOARES, 1994; 1998).

Neste processo, a medicina se apresenta como agente ilustrativo de um legislador estatal (BAUMAN, 1997). O poder e o saber médico exemplificam o conselho para um mundo novo subsidiado pela racionalidade científica. A difusão destes conselhos possibilita compreendermos a inserção da Educação Física neste fenômeno, bem como o aparecimento de revistas e espaços jornalísticos, que passavam a se constituir como elementos dessas estratégias de jardinagem: técnicas para o cultivo da saúde. A tentativa de abraçar a modernidade fez com que tais estratégias também se difundissem no Brasil. A educação higiênica talvez seja o que torna mais visível esse processo. Essa forma de pedagogização foi um importante elemento no arsenal para eliminação dos

aspectos que impediam a consecução da ordem (MARTINS, 2003).

Desta maneira, articulada com essa educação higiênica do corpo, também surgiu uma outra preocupação que estava vinculada a um ideal de pureza racial. Um corpo livre das impurezas “provenientes de outras raças” foi proposto por distintos intelectuais e educadores brasileiros – novamente influenciados pelos saberes provenientes da Europa – através das medidas eugênicas. Propostas de esterilização de deficientes físicos e mentais, de negros e de outras raças consideradas inferiores foram colocadas para a construção de um corpo produtivo nacional. O exemplo mais radical que possuímos foi o do nazismo com suas experiências e a carnificina empreendida nos campos de concentração durante a Segunda guerra mundial. Tal fato foi e é tão marcante para nossa civilização que levou um dos grandes filósofos de nosso tempo a afirmar que a grande tarefa da educação contemporânea é fazer com que “Auschvitz não se repita” (ADORNO, 2003).

Esses são alguns dos aspectos que permearam a educação do corpo nos espaços escolares (e também fora deles) até meados do século XX. Mas, os tempos contemporâneos passaram por algumas mudanças. O avanço de uma globalização cultural e econômica foram um dos fatores que propiciaram novas diagnósticos entre comentadores do mundo atual (BECK, 1999). Tais aspectos confluíram para o avanço do que poderíamos denominar de uma sociedade enfaticamente voltada ao consumo e não mais a produção (BAUMAN, 2001).

Esse quadro passa a sofrer transformações com o avanço da sociedade de consumidores. Os conselhos anteriormente orquestrados pelo Estado, agora, tornam-se radicalizados e na companhia de diferentes conselheiros. Os professores com seus conhecimentos sobre o corpo agora dividem a atenção de maneira precária com os diferentes conselheiros da atualidade e que são representados de maneira mais enfática através dos modelos provenientes das instâncias midiáticas como a TV. De forma enfática, tal argumento propicia o entendimento de que o que uma determinada atriz ou ator

² Para maiores aprofundamentos sobre o modelo panóptico conferir Michel Foucault (1996).

fala sobre seu corpo é tão ou mais valorizado pelos alunos que os ensinamentos de um professor sobre o mesmo tema no espaço escolar.

Os novos dispositivos na sociedade de consumidores articulados com inovações tecno-científicas e o declínio da capacidade de controle estatal contribuem para forjar novos ideais de felicidade contemporâneos. Para além dos corpos produtivos da modernidade sólida, evidenciaríamos hoje a estimulação de estar sempre apto para as constantes inovações e os prazeres ainda não vivenciados individualmente.

Queremos ressaltar com tais aspectos que a vida em uma sociedade de consumo é encarada a partir da pragmática do comprar. As nossas incertezas, inseguranças, ansiedade devem ser exorcizadas através dos rituais de “compra”, como tão bem ilustram as idas aos shoppings centers (BAUMAN, 2001). A liberdade de escolha é ressaltada mesmo que ela se apresente como uma “benção confusa”, pois ela insiste na garantia de felicidade ao mesmo tempo em que despeja sobre os indivíduos a total responsabilidade para a consecução de tal empreendimento. As novas e prazerosas sensações estão acompanhadas pela exacerbação do dever pessoal. A busca por felicidade e longevidade individual está subsidiada por especialistas que potencializam os armamentos na luta cotidiana pelo corpo apto e saudável. Neste sentido, contribuem para que a atualidade se torne terreno fértil para diversas profecias, como por exemplo, nas inúmeras receitas para a “felicidade corporal” presente nas revistas femininas. Mas esta busca pelos prazeres corporais também ilustra uma sociedade em que tudo é descartável (objetos, outros seres-humanos, nosso corpo...) e que os compromissos são vistos com certo temor.

A infinidade de produtos e técnicas disponibilizadas nesse confronto subsidia os indivíduos numa situação que poderíamos caracterizá-la como de certa esquizofrenia, de amor e ódio em relação ao corpo. Existem conselhos sobre as comidas mais deliciosas e sobre os mais novos remédios para emagrecimento. Anúncios sobre os confortos do lar e equipamentos para não ficarmos sedentários. Essas situações nos impõem um auto-exame

minucioso, uma auto-recriminação e auto-depreciação permanente. Por isso é que hoje alguns atores comentam que invertemos nossos templos e confessionários. De locais sagrados passamos para locais profanos. Nossos templos são as lojas, nossas catedrais são os *shopping centers* e nossos confessionários são os espelhos.

Se estivermos corretos com tal argumentação, veremos que o corpo passa a se constituir numa batalha privatizada contra as impurezas e estranhezas que poderão adentrar aos seus limites. A dispersão de conselhos faz com que uma vigilância minuciosa se estabeleça. Vigiar o corpo, mas também vigiar os modelos oferecidos (BAUMAN, 2001). Ao abafamento das ambivalências propiciado pela normalização moderna, conecta-se a caoticidade da vida líquida. Sendo assim, os prazeres disponibilizados trazem conjuntamente os medos e as estratégias para extirpá-los.

Retomando Bauman, podemos argumentar que a novidade constantemente disponibilizada não se desvencilha do lixo incessantemente criado. O refugio não se dirige somente aos “inimigos públicos” da ordem, mas enfaticamente aos refugos corporais enfrentados individualmente. Uma descartabilidade corporal como promessa de felicidade de uma vida saudável.

Os riscos inerentes às liberdades aclamadas e, ainda, a impossibilidade de ficar ileso a aspectos sistêmicos que podem nos alcançar, também estimulam o discurso da prevenção contra perigos e medos contemporâneos. A insegurança gerada pelos novos riscos está articulada com o sentido negativo que a noção de risco carrega na atualidade. Um sujeito conectado a determinado fator de risco tem sobre si as conseqüências negativas advindas deste elemento (DOUGLAS, 1990, p. 3).

Como mostra Paul Rabinow (1999), mais do que riscos localizados, atualmente são focados “fatores de risco” despersonalizados. A probabilidade de se tornar um corpo inapto e indesejável socialmente amplia as inseguranças e os medos. Os riscos privatizados potencializam a responsabilização individual. Os conselhos contemporâneos para a vida saudável estão vinculados a este temor, pois tanto subsidiam e oferecem soluções, como

também lembram cotidianamente que novos riscos estão surgindo. A crença na eliminação de um risco alavancada a cada nova mercadoria depositada nas “prateleiras sociais” impulsiona os desejos de pureza e de felicidade em torno deste estilo.

Entendemos que estes discursos e estratégias “saudáveis” por serem extremamente difundidos nas relações cotidianas exercem uma pressão ainda maior sobre os indivíduos contemporâneos. Assim, em virtude das assimetrias sociais, aspectos como a marginalização, a culpabilização, a estigmatização e a moralização não podem ser desconsideradas nas reflexões sobre a presente modernidade. O incentivo da “boa conduta”, da “conduta correta”, das “condutas saudáveis”, se caracteriza como uma forma de enfrentamento individual dos fatores de risco e das anormalidades sociais (LUPTON, 1999; DOUGLAS, 1990).

Estas não são meras análises sociológicas que estão distantes da nossa realidade escolar. Tento argumentar o contrário. Essas análises dizem sobre o mundo em que vivemos e que se instala de diferentes maneiras no espaço escolar. Vejamos alguns dados extraídos de uma pesquisa realizada em 2004 (Carreira-Filho apud CASTIEL, 2007) com adolescentes de escolas públicas e privadas no Estado de São Paulo:

- 60% se dedicam a modelagens corporais com vistas ao emagrecimento (76% mulheres, 44% homens);
- 80% desconhecem os riscos de medicamentos ingeridos para tal fim;
- 94% desconhecem os riscos da utilização de outras práticas modeladoras (cirurgias, por exemplo).

Essa busca por um corpo apto e saudável nos rodeia no espaço escolar, como podemos observar com os dados anteriores. O medo da feiúra, de ser taxado como feio, leva os jovens a uma corrida desenfreada em nome de um corpo perfeito e feliz (NOVAES, 2006), mas que - não devemos nos enganar! -, também os sujeitam às situações danosas.

Essas preocupações com o corpo indicam uma espécie de sintoma de nossos tempos. A aparência se tornou

questo fundamental nas falas cotidianas e isso também se instala no contexto escolar. O trecho de Guiraldelli Jr (2007), como veremos a seguir, reforça tal argumento. Ao descrever as conseqüências desta necessidade do “aparecer” no contexto escolar, o autor diz que:

Vejamos as mudanças nos estudantes. Nas escolas, os estudantes deixaram de lado os uniformes para tentar ser livres, diferentes, e eis que logo perceberam (ou não?) que todos estavam iguais novamente: tatuagens e calças jeans dominaram as salas de aula. As moças passaram a mostrar o umbigo, com a calça de cintura baixa; e, já que o umbigo estava de fora, resolveram colocar ali um piercing, para ficar diferentes – isso se tornou sexy. Eis que estamos em uma sala de aula no colégio e é como se a escola tivesse adotado tal padrão como uniforme oficial: ou todos são sexy ou não são alunos. Isso não é bom nem mau – penso eu. Mas é um indício de que, no âmbito da vida dos jovens e, então, no campo da educação, mais do que em vários outros campos, todas as informações e opiniões estão crescentemente articuladas ao corpo – e de um modo mais importante do que imaginamos (GUIRALDELLI JR, 2007, p. 19).

Devemos lembrar, junto com o autor citado, que este corpo midiático apresentado pela TV, bem o como o corpo que passa por um processo de adestramento no espaço escolar a partir das rotinas e das performances a que os alunos estão submetidos, reduzem o que entendemos sobre o corpo a uma mera questão de sobrevivência. Daí, indicarmos a necessidade de reflexões que possam romper com a visão compartimentalizada do corpo nas aulas de Educação Física.

Entramos assim na parte final deste texto. Para além e com os aspectos corporais que citamos anteriormente, devemos reconhecer que a educação do corpo não se dá somente nas aulas de educação física. O corpo está presente em vários tempos e espaços escolares, como ilustram os momentos do recreio com toda sua ambivalência: violência, brincadeiras, socialização (TABORDA DE OLIVEIRA, 2003).

A educação do corpo nos espaços escolares não pode ser compreendida exclusivamente como meramente motora nem psicomotora. Esta educação – por ser uma relação educativa em um ambiente criado com tal fim – deve ler em conta o conhecimento, deve fazer valer a

racionalidade. Uma educação na qual o movimento e a linguagem corporal estejam envolvidos numa espécie de jogo de “pedir e fornecer razões” (GUIRALDELLI JR, 2007), por exemplo, nas discussões relacionadas ao respeito pelo outro a partir de situações que envolvem o contato corporal como nos esportes; da estigmatização sofrida pelas crianças e adolescentes obesos em um contexto que reza pelo elogio à magreza. Para alguns, isso certamente *“implicaria mexer com fantasmas que não é o corpo de nossos alunos somente, mas nosso próprio corpo submetido constante e violentamente a uma miríade de preconceitos, tabus, estereótipos, ocultamentos, incompreensões, violências”* (TABORDA DE OLIVEIRA, 2003, p. 171).

Por isso, quando falamos da educação do corpo nos espaços escolares estamos enfatizando aspectos que valorizem as condições socioculturais em que os indivíduos estão inseridos para que possamos entender o corpo como possibilidade formativa. Uma educação do corpo que não se restrinja às padronizações.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Educação e emancipação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- BAUMAN, Z. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **Trabajo, consumismo y nuevos pobres**. 2. reed. Barcelona: Gedisa, 2005.
- _____. **Legisladores e intérpretes**: sobre la modernidad, la posmodernidad y los intelectuales. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1997.
- BECK, U. **O que é globalização? Equívocos do globalismo**: respostas à globalização. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTIEL, L. D. Identidades sob risco ou risco como identidade? A saúde dos jovens e a vida contemporânea. In: **Interthesis** – **Revista Internacional Interdisciplinar**. Florianópolis, v.4, n.2, p. 02-16, 2007.
- DOUGLAS, M. Risk as a forensic resource. In: **Daedalus**. v. 119, n.4, p. 01-16, 1990.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GUIRALDELLI JR, P. **O corpo**: filosofia e educação. São Paulo: Ática, 2007.
- LUPTON, D. Risk and culture. In: _____. **Risk**. London: Routledge, 1999. p. 36-57.
- MARTINS, V. Policiais e populares: educadores, educandos e a higiene social. **Cadernos do CEDES** / Centro de Estudos Educação Sociedade. São Paulo, v.23, n. 59. p. 79-90, abril, 2003.
- NOVAES, J.V. **O intolerável peso da feiúra**: sobre as mulheres e seus corpos. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Garamond, 2006.
- RABINOW, P. Artificialidade e iluminismo: da sociobiologia à biosociabilidade. In: _____. **Antropologia da razão**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p. 135-157.
- SENNETT, R. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SOARES, C.L. **Educação Física**: raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.
- _____. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas: Autores Associados, 1998.
- TABORDA DE OLIVEIRA, M. Práticas pedagógicas da Educação Física nos tempos e espaços escolares: a corporalidade como termo ausente? In: BRACHT, V.; CRISÓRIO, R. (org). **A Educação Física no Brasil e na Argentina**: identidade, desafios e perspectivas. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: PROSUL, 2003.

Correspondência:

Autor: Ivan Marcelo Gomes

E-mail: ivanmgomes@bol.com.br

Recebido em: 16/02/2009

Aceito em: 22/02/2009